

paula

Enter, I see Maria Moisés (2001) and flower stem. A woman almost without age, of rude sensuality. She interrupts the indifference and invites us to delay for the ambiguity and for the contradiction.

I have difficulty in finding my form of entering. What to choose in the moment instant that makes the decision? Do I opt for the absence? Or is it starting from an approach/distancing game that the word goes on calling the word?

It is as a woman interested in the issues of gender that I watch myself in this confront between symbols and meanings, while I visit the exhibition Maria Moisés and Other Histories, a group of pictures of Paula Rego, present in the Gallery 111 in Porto. I wander among the unfinished possible ones and I try to understand the spill of the images, hesitating, also, before the vertiginous escape heading for the sense. I walk in doubt the temptation of interpreting or of taking a risk the deciphering looking deep at the images. But the wonderful listening of the superficiality reveals such a world just as it is: invested of ideas and tensions. And the unreal, created by illusion, is told

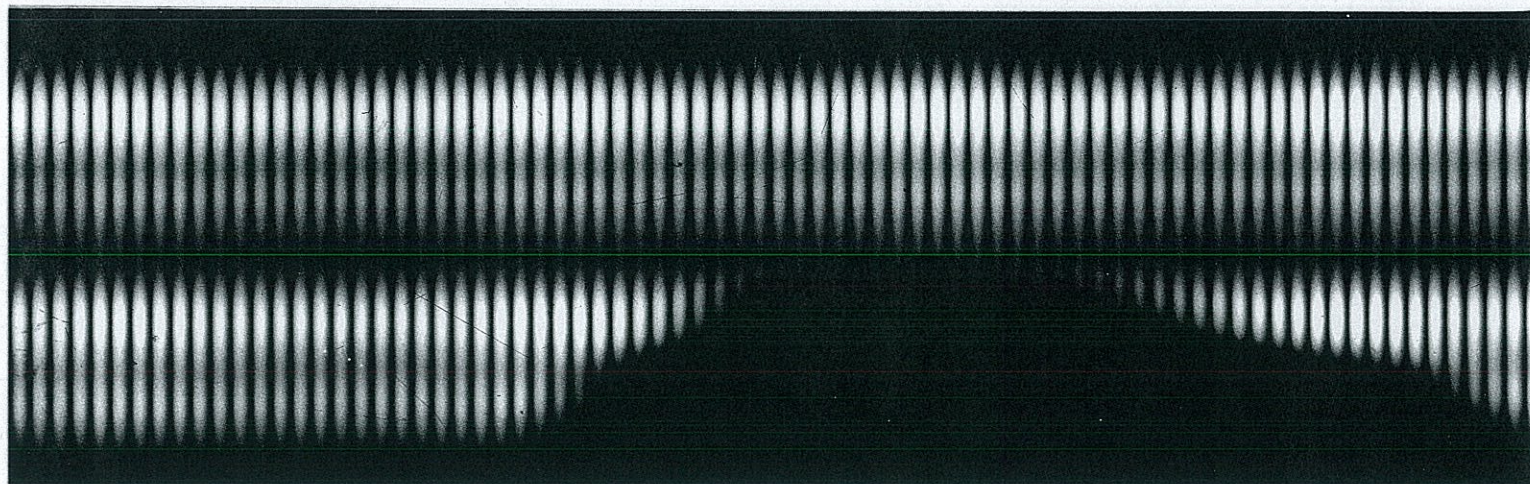
like this as part of the reality in a silence painting that inconveniences for the inaudible but known noise, guessed in the lacunas, instants of truth. It is hereby that I rest my way of looking at and, unaware, I take a long time in the narratives declined among me and the paper "soaked" in ink of china, aquarelle or slid by the pencil. I seek, finally, the communication - that turns for me the accessible image - and I hurry among surprising ways to scream the body and the gestures of the body in rude eroticism or in shy sensuality. I discover, in well-known or distant spaces, forms of containing the idea in the several images that follow and tell and untell each other. Something will happen in a little...

The antinomies are disturbed: femininity and manliness, public and private, age and youth, allowed and forbidden. Dionisiac convivialities are guessed, a fruitful chaos, where colour is mistaken with the paper in brevity and inconclusion. Values are disturbed for among the frenzy of the moments that inconvenience, because they are too close, because inhabitants of a shy imaginary one that spells when we least expect

Entro, vejo Maria Moisés (2001) e pé de flor. Mulher quase sem idade, de rude sensualidade. Interrompe a indiferença e faz-nos demorar pela ambiguidade e pela contradição.

Tenho dificuldade em encontrar a minha forma de entrar. O que escolho no momento instantâneo que faz a decisão? Opto pela ausência? Ou é a partir de um jogo de aproximação/distanciamento que a palavra vai chamando a palavra?

É como mulher interessada pelas questões de género que dou por mim neste confronto entre símbolos e significados, enquanto percorro a exposição Maria Moisés e Outras Histórias, um conjunto de quadros de Paula Rego, presente na Galeria 111 no Porto. Erro por entre o inacabamento dos possíveis e procuro entender o derramamento das imagens, hesitando, também, perante a fuga vertiginosa rumo ao sentido. Percorro em dúvida a tentação de interpretar ou de arriscar a decifração olhando fundo as imagens. Mas o maravilhoso escutar da superficialidade revela um mundo tal qual ele é:



investido de ideias e tensões. É o irreal, criado por ilusão, assim se conta como parte da realidade numa pintura silêncio que incomoda pelo ruído inaudível mas sabido, adivinhado nas lacunas, instantes de verdade. É por aqui que descanso a minha maneira de olhar e, desprevenida, demoro-me nas narrativas declinadas entre mim e o papel "embetido" em tinta da china, aguarela ou deslizado pelo lápis. Procuro, enfim, a comunicabilidade – aquilo que torna para mim a imagem acessível – e apresto-me por entre surpreendentes maneiras de gritar o corpo e os gestos do corpo em: rude erotismo ou em tímida sensualidade. Descubro, em espaços conhecidos ou distantes, formas de conter a ideia nas várias imagens sucedidas que se dizem e contra dizem

umas as outras. Algo vai acontecer daqui a pouco... Deixa espelgarem-se as antinomias: feminilidade e masculinidade, público e privado, velhice e juventude, permitido e proibido. Adivinham-se convívios dionisíacos, um caos frutífero, onde a cor se confunde com o papel na brevidade e na inconclusão. Valores inquietam-se por entre o frenesim dos momentos que incomodam, porque próximos demais, porque habitantes de um imaginário tímido que soletra quando menos esperamos as imagens mais perturbadoras. Espanto uma outra visão do feminino, feita de traços acerca do belo e do feio, despidos e pudorados. Representações de mulher são atraídas pela dureza e rudeza das mulheres de Paula Rego que ali em imagens embaraçadas nos parecem ensinar

uma qualquer destreza com que se lida a vida. Mulheres de beleza difícil. São assim as mulheres que encontramos neste mundo evocado. Desprevenidas, num momento qualquer, privado entre rituais experimentados, ou a espera de um olhar aventureiro, as mulheres desafiam-nos com a sua fealdade. Encontro a descoincidência entre o rosto e os corpos de múltiplas expressões. O corpo e o rosto, eternamente inacabados, contradizendo-se mutuamente. É de maneira despojada que se contam vidas de mulheres. Despojada e quase impiedosa. Celestina (2001) parece uma vida assim contada, revelada pelo preencher de mulher o espaço em branco, pelo corpo dado ao olhar, pelas relações subentendidas, pelos gestos desprendidos do

rego

the most disturbing images.

I awe at this other vision of the feminine, made of lines concerning the beautiful and of the indecent ugly. Woman's representations are betrayed by the hardness of Paula Rego's women's rudeness that there in embarrassed images they seem us to teach some kind of dexterity with that which life is dealt with. Women of difficult beauty. They are like this, the women that we find in this evoked world. Unaware, in a given moment, private among experienced rituals, or awaiting for an adventurous glance, the women challenge us with their ugliness. And I find the lack of coincidence between the face and the bodies of multiple expressions. The body and the face, eternally unfinished, being contradicted mutually.

It is in a deprived way that women's lives are told. Deprived and almost merciless. Celestina (2001) seems a life thus told, revealed by filling of woman the space in white, for the body given to the glance, for the implied relationships, for the gestures lose of the rest. I am suddenly searching there for the history narrated

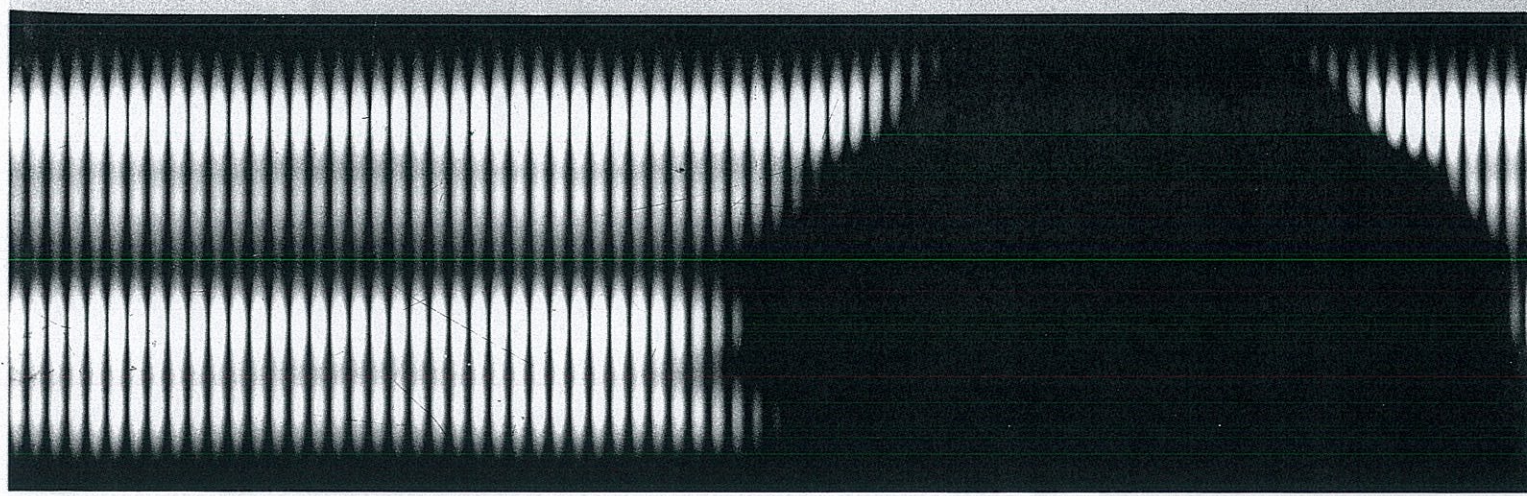
and I seek the sense when, after all, the sense is contradicted in the movement of its search. Women's histories? Fabric composed thread by thread, the histories seem here constituted in the joint line that includes the women and at the same time distinguishes them from the space drawn around them, whether it is the chair, the ground, the whole world, the bed, or the caressed curtain.... feminine worlds are Exalted. It is the time of the women and of the places. I find the definition of the feminine traditional roles, the recognised postures, marked. It is true! The rigidity of the positions. Also! But there is something that breaks the sequence by provocation. I don't know if it is the act of my own observation or the denounced image of the implicit things. I foresee the resistance, a form of resistance, even starting from the most attributable, of the most expected in the so called world of women. The resistance exists in what it seems to be the repudiation of the idea of a fragile and innocent femininity; it exists in a way of seizing women's narrative in another way, just like that, explicitly, disturbing the representation, playing a way

of thinking women that doesn't annul, nor homogenises, that turns against a not very innocent universalism (hooks, 2000).

There is a strange crudeness in the narrative of feminine worlds, of the feminine, of the desire and of the non desire of the women's point of view, in the way the wombs are disposed with extreme maternity. Then the ages, always the ages, phrasing the women in generations and places, disposing the places in the objects, and also the time of the non innocence, embodied by girls whose faces lie the age. A time revealed by masses set, by a way of catching the skirt drawing the courtesy or by the almost cruel softness of The Dress Colour of Salmon (2001). I invade other imaginaries, I recreate unusual, plural, fantastic conjugations. I take the trip to the wonderful, or perhaps not...

I foresee the discontinuing of women's "inert position" and its inclusion while subject of analysis (Beasley, 1999), while subject of a history also made of the non-said that disturb the memory (Lanther, 2000). The narrative is composed like this of the women's

1 | Paula Rego: **maria moisés**
(imagem cedida por / by courtesy of
Galeria 111)



resto. Dou por mim a procura da história ali narrada e procuro o sentido quando, afinal, o sentido se contradiz no movimento da sua busca. Histórias de mulheres? Tecido composto fio a fio, as histórias parecem aqui constituídas na linha junta que inclui as mulheres e ao mesmo tempo as distingue do espaço à volta delas: desenhado, seja a cadeira, o chão, o mundo inteiro, a cama ou a cortina afagada... Exaltam-se mundos femininos. É o tempo das mulheres e dos lugares. Encontro a definição dos papéis tradicionais femininos, as posturas reconhecidas, marcadas. É verdade! A rigidez dos lugares. Também! Mas há qualquer coisa que quebra a sequência pela provocação. Não se se e o acto da minha própria observação ou a imagem denunciada das coisas implícitas. Pressinto a resistência, uma forma de resistência, mesmo a partir do mais atribuível, do mais esperado no mundo dito das mulheres. A resistência existe no que parece ser o repúdio pela ideia de uma feminilidade frágil e inocente; existe na forma agarrar as narrativas das mulheres de uma outra maneira, assim mesmo,

explicitamente, perturbando a representação, tocando uma forma de pensar as mulheres que não anula, nem homogeneiza, que se volta contra um universalismo pouco inocente (hooks, 2000). Existe uma estranha crueza na narrativa de mundos femininos, do feminino, do desejo e do não desejo do ponto de vista das mulheres, da forma como se dispõem os ventres com extrema maternidade. Depois as idades, sempre as idades, fraseando as mulheres em gerações e lugares, dispondo os lugares nos objectos, e também o tempo da não inocência, encarnado por meninas de rosto mentindo a idade. Um tempo revelado por missas encenadas, por uma maneira de pegar a sala desenhando a vénia ou pela suavidade quase cruel d' *O Vestido Cor de Salmão* (2001). Invado outros imaginários, recrio conjugações insólitas, plurais, fantásticas. Faço a viagem ao maravilhoso, ou talvez não... Pressinto o descontinuar da "posição inerte" das mulheres e a sua inclusão enquanto sujeitos de análise (Beasley, 1999), enquanto sujeitos de uma história feita também dos não ditos que

perturbam a memória (Lanther, 2000). A narrativa assim se compõe dos espaços das mulheres, também orgânicos, telúricos, ritualizados; dos seus tempos, mesmo que marcados pelo masculino. E os homens, implícitos, também se contam num jogo de fundo e forma, como se a sua quase ausência revelasse para sempre a sua presença.

As mulheres subjectivam-se, exprimem momentos e movimentos de liberdade, prisão ou despojamento. Imagino, talvez por aqui, um espaço onde mulheres, elas próprias, buscam a sua identidade no movimento de engajamento com o mundo. Um movimento transformação, seja a partir da sexualidade, da maternidade, das idades, num momento qualquer desconhecido, ou no comum dos lugares aprendidos por elas desde sempre. Por entre os temas um sentimento de pertença único, quase uma identidade plural que une sem diluir. Olhares cúmplices entre mulheres pressagiam uma espécie de sororidade (sisterhood) quase esquecida, e revelam o enredo constituído por diversas formas de poder. Mundo

spaces, also organic, teluric, ritualised; of their times, even if marked by the masculine. And the men, implicit, they are also counted in a fund and form game, as if its absence almost revealed for ever its presence. The women subjectivate themselves, they express moments and movements of freedom, prison or divestment. I imagine, perhaps here, a space where women, themselves, look for their identity in the engagement movement with the world. A transformation movement, be it starting from sexuality, of from maternity, from the ages, in any given ignored moment, or in the common of the places learned by them since always. Through the themes a unique feeling of belonging, almost a plural identity that unites without diluting. Accomplice glances between women presage a type of sisterhood almost forgotten, and they reveal the intrigue constituted by several forms of power. World of possibilities and impossible, in existential ways, many cultivated in the marginality. The drama of the illegal abortions is accused. The brutality of whispered, screamed universes, of the revolved wombs is denounced, of the disturbed worlds of relationships between men and women. Here the ages, once again. An appearance of the horrible and

of the unspeakable, of moments made of unforgettably feminine postures; of shame exclusively of women, but not of all the women (hooks, 2000). It is the time and place constituted in the attitudes, in the glances that never really stare. Implacable expressions, languages that denounce the noise of the broken taboo. The refusal of maternity, the choice or its impossibility. It is the illustration of the moment to proceed, embarrassed in the exposed chronology of the place.

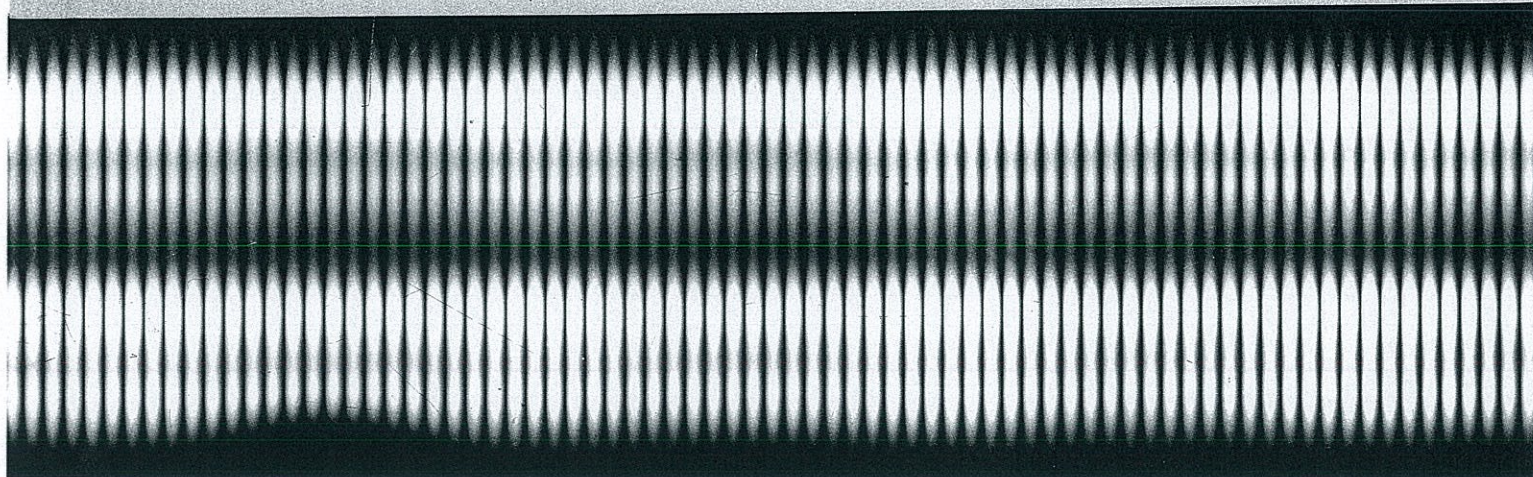
The indiscreet images reason and I no longer know if I am before strange, slashing or aggressive ways of showing unrealistically the common of the women's days described in the mysterious things, in the human actions discovered. Many not very audible, perhaps not very comprehensible and therefore disturbing. There is something there that makes me to stop bewildered, even if it is the way as the drawn line makes the glance hurt.

Because provoked the strange feelings, we wonder that impossible mixture of ignoring: what are we made of.

It is the human condition represented, shown off even under the excommunication or survival form.

Relationships and silences are here explored in between something that is flowing, among things that fill, or are absent, starting from a pretending game that disturbs and it hurts, for the truthfulness or for the seductive accusation.

It is thus, in the silence of the most banal or disconcerting forms, that I notice myself leaning on occultation/revelation signs removed in a way of forgetting the hands in the lap, in a way of the lap to dispose itself to the hands, of the lap to give itself to a body, of a leg to bend close to the other. I escape from a deciphering and I invent the way back. I stop before the limits of my recreation, but I reject the caution of refraining when I seek my worlds there represented. To be indifferent seems an impossibility. I get caught in my own net and I recover the abyss capacity where we give up ourselves, where we face faiths that we insisted in silencing. I am aware of myself, after all. I, woman protests myself there and say to myself...



de possibilidades e impossíveis, de formas existenciais, muitas cultivadas na marginalidade. Acusa-se o drama dos abortos ilegais. Denuncia-se a brutalidade de universos sussurrados, gritados, dos ventres revolvidos, dos conturbados mundos de relações entre homens e mulheres. Aqui as idades, mais uma vez. Uma aparição do horrível e do indizível, de momentos feitos de posturas inesquecivelmente femininas, de vergonha exclusivamente de mulheres, mas não de todas as mulheres (hooks, 2000). É o tempo e o lugar constituído nas atitudes, nos olhares que nunca nos fitam realmente. Expressões implacáveis, linguagens que denunciam o barulho do tabu quebrado. A recusa da maternidade, a escolha ou a sua impossibilidade. É a figura do momento a seguir, embaraçado na cronologia exposta do lugar.

As imagens discorrem indiscretas e já não sei se estou perante estranhas, acutilantes ou agressivas maneiras de mostrar irrealisticamente o comum dos dias de mulheres descrito nas coisas

misteriosas, nas ações humanas descobertas. Muitas pouco audíveis, talvez pouco compreensíveis e por isso mesmo perturbadoras. Há qualquer coisa ali que me faz parar desconcertada, nem que seja a maneira como o risco desenhado faz o olhar magoado. Porque provocados os sentimentos estranhos indagamos aquela mescla impossível de ignorar: o que nos constitui.

É a condição humana representada, ostentada mesmo que sob a forma de excomunhão ou de sobrevivência. Por aqui se exploram relações e silêncios num entre qualquer coisa que é fluido, entre coisas que preenchem, ou ausentam, a partir de um fazer de conta que inquieta e magoa, pela veracidade ou pela denúncia sedutora. É assim que, no silêncio das formas mais banais ou desconcertantes, dou por mim debruçada sobre sinais de ocultação/desocultação desprendidos numa maneira de esquecer as mãos no colo, numa forma do colo se dispor às mãos, do regaço se dar a um corpo, de uma perna se

dobrar perto da outra. Fujo de uma decifração e invento o caminho de volta. Detenho-me perante os limites da minha recriação, mas rejeito a cautela de me abster quando procuro mundos meus ali representados. Ser indiferente parece-me uma impossibilidade. Prendo-me na minha própria rede e recupero a capacidade de abismo onde nos desistimos, onde enfrentamos crenças que teimamos em calar. Dou conta de mim, afinal. Eu mulher ali me protesto e digo comigo...

Bibliografia

- BEASLEY, Chris (1999) What is feminism? London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.
- HOOKS, bell (2000) Feminism is for Everybody. London: Pluto Press.
- JORGE, João Miguel Fernandes (2001) Paula Rego: Maria Moisés e Outras Histórias (catálogo). Galeria 111; Porto 2001.
- LANTHER, Stéphanie (2000). Irène Corradin et Jaqueline Martin (dir). Les Femmes Sujets d'Histoire par Stéphanie Lanther. In: Recherches Féministes, 2, vol.13, 160-161.



2

- 2 | Paula Rego: **untitled 5** - 1999
(imagem cedida por / by courtesy of
Marlborough Fine Art - London)

